

DRAMATIZAÇÃO COMO ATIVIDADE PREVENTIVA SOBRE DROGAS: UM ESTUDO DE CASO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Rosana Lima Gerpe (1); Francisco José Figueiredo Coelho (2); Maracyr Myra de Moraes (3); Priscila Tamiasso-Martinhon (4); Célia Sousa (5)

⁽¹⁾Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, rosanagerpe@gmail.com; ⁽²⁾Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte - GIEESAA, educacaosobredrogas@gmail.com; ⁽³⁾Colégio Aiacom, profmaracyr@gmail.com; ⁽⁴⁾Curso de Especialização em Ensino de Química – CEEQuim -UFRJ, prismartinhon@hotmail.com; ⁽⁵⁾Programa de Mestrado Profissional PROFQUI - UFRJ, sousa@iq.ufrj.br.

Resumo: A maconha está entre as drogas mais antigas e populares do planeta. Ela é geralmente vendida e consumida ilegalmente, mas alguns países não criminalizam seu uso. Falar sobre essa temática não é algo fácil. Nessa perspectiva, reconhecemos a relevância das discussões sobre os diversos fatores envolvidos no uso de drogas, na questão da legalização, da descriminação e da vitimização. Nesse viés, partindo da pedagogia da autonomia e da redução de danos, acreditamos que a escola seja ambiente favorável para criar espaços de diálogo e aprendizagem sobre as motivações e implicações do uso dessa substância. Em face ao oferecimento destes espaços de discussão, acreditamos no potencial da arte - em especial o teatro - como estratégia de ensino para iniciar ou complementar debates sobre diferentes drogas na sociedade, estimulando novos olhares e posicionamentos juvenis mais democráticos. Seguindo esse contexto, o trabalho descreve e discute uma intervenção educativo-preventiva realizada com alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola da zona norte do Rio de Janeiro. Centrada na dramaturgia, a proposta associou assuntos de fisiologia humana com questões reflexivas acerca do consumo e legalização das drogas. O que notamos foi que a proposta revelou que o uso do teatro como estratégia, tem a capacidade de promover espaços para o debate entre alunos e professor. O debate sobre legalização convergiu para um ensino preventivo, baseado na aprendizagem científica de valores e atitudes acerca do uso das drogas.

Palavras-chave: Educação sobre drogas, Teatro no Ensino; Ensino de Ciências, Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

Considerando que o consumo de drogas pode incidir precocemente entre jovens, principalmente entre aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade, e que são vários os fatores desencadeadores de tal situação, faz-se imprescindível que essa temática passe a ser discutida entre os jovens (RODRIGUES; ABAID, 2013; COELHO; MONTEIRO, 2017). Nessa perspectiva também cresce a necessidade de debates sobre alternativas - que não sejam meramente repressivas – de se dialogar com essa temática de forma mais intertransdisciplinar (NEVES, 2017; COELHO *et al.*, 2016).

Contudo, o que se observa na prática é que o grau de informação sobre o assunto está longe da realidade discente (CRUZ, 2014), caracterizando o que Acselrad (2015) chama de desinformação social. Nesse âmbito, frente à falta de informação sobre a real dinâmica do consumo de entorpecentes, por vezes os adolescentes se amparam em mitos e prejulgamentos que ampliam os estigmas em torno do assunto.

Autores como Cruz (2014), Acselrad (2015) e Coelho e Monteiro (2017) endossam sobre a necessidade da escola possuir novas estratégias e caminhos educativos para abordar essa questão, que não envolvam proibicionismo ou enfrentamento pela força e mais centrado na redução de danos (RD) à saúde dos indivíduos (ACSELRAD, 2015; COELHO; MONTEIRO, 2017; FERRUGEM, 2018). Nesse contexto, trabalhar com turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode inclusive contribuir para um olhar docente menos engessado e mais inovador, em relação a maneira usualmente empregada para se abordar tal tema (TAMIASO-MARTINHON *et al.*, 2017; PICONEZ, 2014).

É interessante ressaltar que antigamente a EJA era destinada apenas para aqueles que não conseguiam terminar seus estudos naquilo que se institucionalizou como sendo a idade própria (LDB nº 9.394/96, Art.37). Nesse período, essa era uma modalidade que visava principalmente o desenvolvimento do jovem e do adulto trabalhador, na busca de uma melhor qualidade de vida e renda para a sua família (PELUSO, 2001). Cabe ressaltar que desde então muita coisa tem avançado, por exemplo, o reexame do parecer CNE/CEB nº 23/2008, que institui Diretrizes Operacionais para a EJA, pontuando que “é importante que a legislação não seja um impedimento a mais nas ‘escolhas’ feitas pelos jovens” (BRASIL, 2013).

Nesse caminho, alguns autores (COELHO, 2016; COELHO *et al.*, 2017) têm trazido resultados importantes acerca de projetos educativos sobre drogas nas escolas públicas. Iniciativas descritas por Coelho e colaboradores (2017) promovem uma escolarização preocupada em resgatar as experiências e vivências dos estudantes da escola noturna a fim de subsidiarem ações preventivas com estudantes de outro turno. Seja por meio de rodas de conversa e reflexões coletivas, pela encenação ou pela discussão de letras de música e charges envolvendo o tema drogas, os autores constatam que estratégias dialógicas e que convidam à participação tem se revelado como aglutinadoras de outros movimentos sociais e instituintes dentro da escola (COELHO, 2016; COELHO *et al.*, 2017).

Considerando esses elementos teóricos e tendo em vista a necessidade de se oferecer espaços de discussão preventivos sobre drogas para alunos da EJA, acreditamos no potencial da arte - em especial a teatral - como estratégia de ensino para iniciar ou complementar debates sobre os diferentes olhares e posicionamentos que corroboram com um processo preventivo mais dialógico e democrático (COELHO; MONTEIRO, 2017).

De fato, o teatro nos espaços escolares e formativos surge como uma possibilidade de formar os estudantes para a argumentação, sobretudo em turmas muito heterogêneas. Por meio desta arte, exercitam-se a atenção, a paciência, a solidariedade, o diálogo e o convívio

com as diferenças. Isto porque o teatro é capaz de criar um ambiente de envolvimento mediador de propostas didáticas. Servindo de ambiente disseminador de novas ideias e reflexões, possibilitando ganhos, tanto individuais quanto coletivos.

No presente trabalho o teatro foi vivenciado como extensão da diversidade humana e como tendência para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e expressão em uma turma da EJA. Assim, o teatro pelo seu perfil lúdico e envolvente, pode se constituir em um caminho capaz de sensibilizar os estudantes a fortalecer valores pessoais, sociais, potencializar talentos, acessar novos saberes e conhecimentos.

Segundo Boal (2005) o teatro é inato ao ser humano, ele afirma que “Somos todos atores”, e que a dramatização “é algo que existe dentro de cada ser humano e pode ser praticado na solidão de um elevador. Em qualquer lugar. Até mesmo nos teatros”. Ou seja, ao utilizar o teatro em sala de aula, esse trabalho incluiu um elemento favorável à concentração da atenção do aluno e da comunidade, podendo resgatar valores éticos, sociais e culturais de forma dinâmica e coletiva. Japiassu (2001) e Koudela (1997) destacam o uso da ferramenta teatral no processo formativo e educativo, seja para vivenciar a arte em si com toda a sua extensão, expressão e linguagem própria, como também para ser usado como acelerador de ensino e aprendizagem na interdisciplinaridade de diversas áreas de conhecimento.

A partir desta exposição conjecturamos um momento produtivo para a utilização da metodologia teatral na EJA como forma de despertarmos a curiosidade necessária para o tema drogas, de modo a formar uma consciência crítica. Paulo Freire (1996, p. 31) nos auxilia nessa compreensão quando nos diz: “[...] a curiosidade ingênua que, ‘desarmada’, está associada ao saber do senso comum é a mesma curiosidade que criticando-se, aproximando-se de forma cada vez mais metodicamente rigorosa do objeto cognoscível, se torna curiosidade epistemológica”.

Assim, o trabalho teve como objetivo explorar os diferentes pensamentos de discentes da EJA em torno da temática drogas, bem como mediar um debate aberto sobre a legalização e discriminação dessas substâncias a partir da dramaturgia, discutindo as potencialidades pedagógicas dessa estratégia.

METODOLOGIA

A proposta descrita trata de um estudo de caso realizado com uma turma de fase 8 da EJA (Ensino Fundamental II), com faixa etária entre 14 e 65 anos. Após uma dinâmica de integração discente, os estudantes receberam as orientações que direcionariam as atividades

que seriam desenvolvidas pelo grupo. Inicialmente foi feita, pelos docentes, uma introdução contextualizando a temática por intermédio de uma roda de conversa. Nessa roda de conversa foram discutidos assuntos relativos a diferença entre legalização e descriminação de drogas, deixando bem claro que liberação tem outro significado. Na sequência os alunos iriam fazer uma dramatização sobre essa temática.

A atividade foi desenvolvida em 4 aulas de 50 minutos, dentro da disciplina de ciências, durante a abordagem de assuntos sobre a fisiologia humana. Dentro desse conteúdo vislumbramos a possibilidade de trabalhar vários temas transversais sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por intermédio da temática geradora drogas, e a partir de uma dramatização discente sobre a legalização e a descriminação das drogas. A intenção foi propor um momento de interação, de forma que os estudantes pudessem se pronunciar por meio de um debate aberto e participativo integrado a diferentes assuntos transversais e à cidadania (COELHO; MONTEIRO, 2017).

Essa ação educativa foi realizada em três etapas. Ela fez parte de uma atividade preventivo-educativa proposta pelo curso Drogas, Educação e Saúde, oferecido no 2º semestre de 2017, pela Fundação CECIERJ, centrado no enfoque pedagógico de Redução de Danos (RD) ao consumo abusivo de Drogas.

A primeira etapa foi caracterizada pelo debate, em que os docentes deixam os alunos se pronunciarem, tendo a preocupação de ouvir a todos. Na segunda etapa, foi realizado, por 3 alunas, uma peça de teatro sobre o tema “Descriminalizar não é liberar!”, onde a ambientação da peça teatral acontece a partir de um bate papo de amigas, enquanto as mesmas faziam um trabalho escolar.

Na encenação as alunas propõem a desmistificação das drogas lícitas e ilícitas, na qual questões sobre descriminação e legalização das drogas são retratadas por intermédio de um diálogo entre as colegas. A dramatização evidenciou uma relação conflituosa entre a legalização e descriminalização, e enfatiza o questionamento discente que emerge quando as amigas se deparam com essas temáticas.

Para averiguar o nível de aceitação dos alunos em relação a essa proposta de atividade, ao término da encenação a turma foi dividida em três grupos, e foi proposto uma segunda encenação, desta vez ambientada em um tribunal. Esse tribunal simulado possibilitou a troca de experiências e relatos discentes, que desencadearam reflexões acerca de ética, cidadania e valores como solidariedade, compaixão, amizade, fraternidade e respeito.

Para esse segundo esquete, a sala foi dividida em 3 grupos: acusação, defesa e jurados,

esses grupos se organizaram e a questão norteadora da metodologia foi a seguinte: "legalização das drogas".

A DINÂMICA DA ENCENAÇÃO DO JÚRI:

A primeira etapa consistiu na exposição do que seria a metodologia, suas etapas de aplicação, os principais benefícios e críticas. Em seguida, os docentes mediarão a organização dos alunos da turma em suas respectivas funções: defesa, acusação e jurados. A divisão dos grupos seguiu a sugestão de Lima e colaboradores 2017, considerando que as testemunhas seriam desnecessárias em função do tema proposto. Assim a divisão ficou:

- (a) Juiz** - Dirige e coordena o andamento do júri (papel do professor);
- (b) Equipe 1** - formada pela Acusação: Formula as acusações; falam a favor da legalização das drogas;
- (c) Equipe 2** - formada pela Defesa: Defende-se das acusações formuladas; falavam contra a legalização das drogas;
- (d) Réu:** formada pelo problema: as drogas – maconha;
- (e) Equipe 3** - Corpo de Jurados: Ouve todo o processo e a seguir vota, absolvendo ou condenando o réu. A votação ocorre em sigilo, de forma a evitar constrangimentos para os participantes, no entanto, aqueles que participaram como jurados devem entregar um relatório de, no mínimo, uma lauda expondo os motivos por que condenaram ou absolveram o indivíduo, tendo como base o tema proposto. A quantidade do corpo de jurados deve ser constituída por um número ímpar.

Após a realização da encenação do júri os alunos foram convidados a responder uma autoavaliação na forma de um questionário contendo quatro questões fechadas.

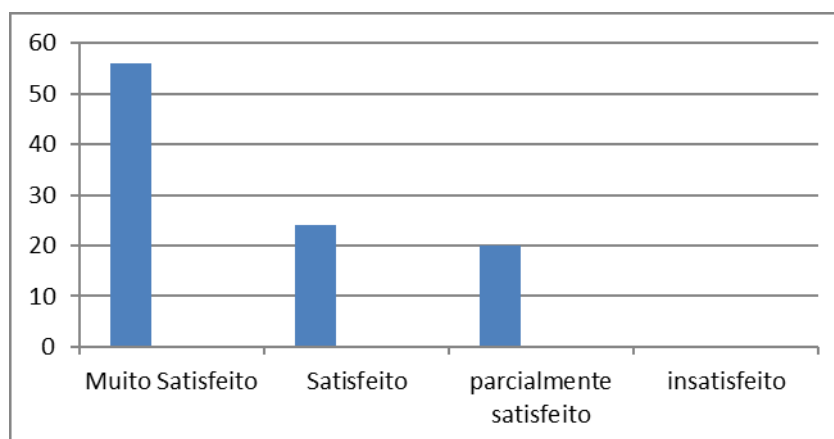
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na discussão com a turma, foram debatidas as políticas de drogas. A turma alegou que a guerra das drogas é uma guerra contra pobres, negros e favelados. Eles acreditam que o primeiro passo para promover uma mudança envolve o controle do mercado de drogas pelo Estado. Ao longo das discussões, a observação dos debates entre os discentes permitiu a identificação de três ideias trazidas pelos jovens: (i) a brutalidade da polícia; (ii) a marginalização, e; (iii) a violência. Os estudantes relataram uma rotina marcada pela violência, insegurança e ausência de liberdade de expressão.

De forma geral, parte dos estudantes achou que legalização e liberação eram sinônimos, e que a legalização exigiria um mercado que regulasse e controlasse o comércio das drogas. Além disso, relacionavam a violência à proibição do uso de drogas e esperavam que esses debates fossem mais acessíveis para os alunos, desmistificando o tema drogas, principalmente na escola.

Os alunos puderam analisar a eficácia da metodologia por meio de um questionário contendo quatro questões fechadas. Em um primeiro momento, foram questionados sobre o grau de satisfação com relação à metodologia da roda de conversa. Esses dados podem ser visualizados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Grau de satisfação com relação à metodologia da roda de conversa

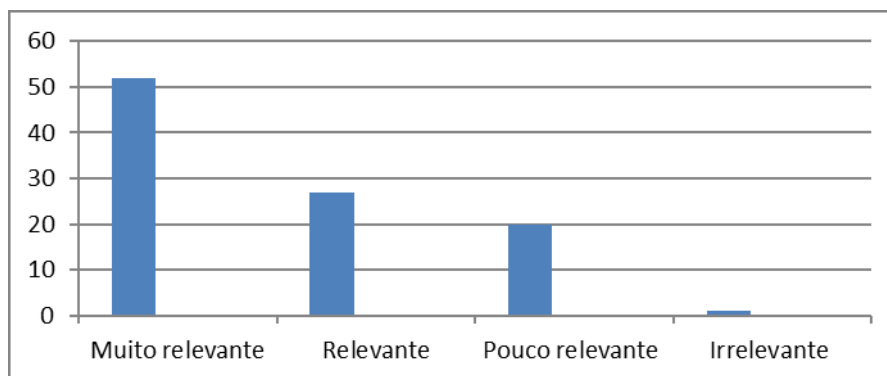


Fonte: autoria própria, com base nos dados da pesquisa (2018).

Como se observa, 56% dos alunos ficaram muito satisfeitos com a sua participação nessa metodologia, 24% se sentiram satisfeitos, 20% parcialmente satisfeito e nenhum aluno se sentiu insatisfeito. Em nosso entendimento, esses dados relevam como as rodas de conversa permitem aos estudantes (sobretudo adultos) integrarem suas experiências cotidianas e pontos de vista acerca de tema drogas com temas científicos propostos pela disciplina de ciências. Vemos as rodas de conversa como uma alternativa pedagógica cabível, em especial na EJA. Ela favorece que os estudantes conheçam outras ideias e se reposicionem e reflitam em questões sociais mais amplas. Dar poder de voz aos alunos a partir das rodas de conversa tem se revelado como estratégia educativa não apenas democrática, mas também lúdica pois permite a provocação sem gerar desconforto. É um espaço onde eles podem falar o que pensam e serem livres para se expressas. Essa percepção dos estudantes corrobora com outros estudos (COELHO; TAMIASSO-MARTINHON, SOUSA, 2017; TAMIASSO-MARTINHON et al., 2017).

A segunda pergunta buscou analisar, na concepção dos alunos, qual seria a contribuição da metodologia da peça de teatro e da encenação do júri para o tema drogas. O Gráfico 2 apresenta este resultado.

Gráfico 2 – Opinião discente sobre a contribuição dessa metodologia para a aquisição de conhecimentos acerca da temática proposta.

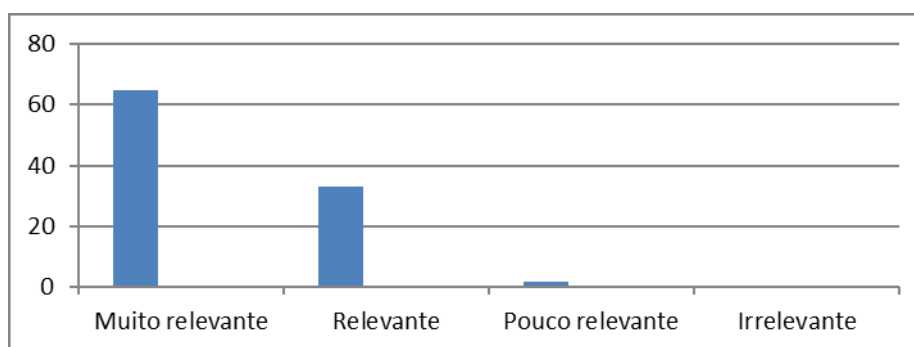


Fonte: autoria própria, com base nos dados da pesquisa (2018).

Constatou-se, através do gráfico 2, que 52% dos alunos julgaram que a metodologia foi muito relevante, 27% que foi relevante, 20% acreditaram que foi pouco relevante, e apenas 1% dos alunos considerou que a metodologia foi irrelevante para a discussão do tema apresentado.

Em um terceiro momento, os alunos foram questionados sobre a relevância da metodologia em questão para o seu cotidiano. Esses resultados podem ser observados no gráfico 3.

Gráfico 3 – Opinião discente sobre a relevância dessa metodologia para a vida dele.



Fonte: autoria própria, com base nos dados da pesquisa (2018).

A partir dos resultados apresentados no Gráfico 3, a relevância da metodologia foi destacada: 52% dos respondentes julgou que a metodologia foi muito relevante para a sua vida; 33% julgaram que foi relevante, 1.5% que houve pouca relevância e 0.5% julgou esta metodologia irrelevante.

O Gráfico 4 apresenta os resultados relacionados ao desejo dos alunos de que essa metodologia continue sendo aplicada nas próximas turmas da EJA.

Gráfico 4 – Recomendação discente sobre a continuidade dessa metodologia nas próximas turmas da EJA.



Fonte: autoria própria, com base nos dados da pesquisa (2018).

Observa-se que 87% dos alunos recomendam que essa metodologia continue sendo usada nas próximas turmas da EJA, apenas 13% não recomendam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O teatro é uma arte que deveria estar presente no cotidiano dos estudantes pelo fato de envolver diversas manifestações artísticas, bem como diferentes áreas do conhecimento. A experiência vivida com os alunos da EJA foi desenvolvida para proporcionar a todos os envolvidos a possibilidade de inclusão e também socialização, promovendo um debate crítico e reflexivo, conhecendo o pensamento do aluno oriundo da EJA sobre as drogas e desmistificando legalização e descriminalização, assim como os tabus acerca desses temas e a redução de danos.

Foi possível constatar, a partir das experiências vivenciadas junto aos alunos – seja pela participação livre com as rodas de conversa, seja pela encenação – como a arte e o estímulo à liberdade de expressão se convertem em estratégias formativas, simples e viáveis. Podem, em nosso entendimento, fomentar as habilidades e potencialidades artísticas associadas aos assuntos científicos e alicerçar discussões sociais em diferentes contextos de ensino. Diga-se de passagem, adotamos nesse trabalho o tema drogas como um assunto tabu e revelamos como é possível de ser apropriado numa aula de ciências quando os professores se abrem aos temas transversais.

Nessa perspectiva, a partir dessa experiência ~~pode-se constatar~~ trazemos elementos para que o teatro possa ser visto como uma estratégia alternativa de ensino visto ser tendenciosamente dialógica e criativa, mas não é a solução para a prevenção. É uma

possibilidade. Nesse caminho, como sinalizado pelos alunos, a abertura para o tema nas aulas de ciências, é um investimento favorável estimular a liberdade de expressão, o conhecimento e a prevenção do uso abusivo de drogas.

Embora sejamos conscientes da complexidade que esse tipo de trabalho demanda, considerando os aspectos sociais e didáticos envolvidos no tema drogas, acreditamos que os resultados foram compensadores.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, G. **Quem tem medo de falar sobre drogas? Falar mais para se proteger.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional:** lei 9.394,20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional [recurso eletrônico]. 7ª Ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2012. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica.** Ministério da Educação. Brasília: SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 02 de junho de 2018.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas públicas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

COELHO, F. J. F.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: um olhar transversal rumo à democracia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL REDES EDUCATIVAS E TECNOLOGIAS. IX., 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<http://www.seminarioredes.com.br/ixredes/adm/trabalhos/diagramados/TR311.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2018.

COELHO, F. J. F.; MARTINHON-TAMIASSO, P.; SOUSA, C. História, Ciência e Reflexões: Uma proposta transdisciplinar da inclusão de debates sobre drogas nas escolas. In: CONGRESSO EM HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA, IX., 2016, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Scientiarium História – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2016.

CRUZ, J. P. C. **Concepções de estudantes de pedagogia e professores da rede pública sobre a problemática das drogas nas escolas.** 2014. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

FERRUGEM, D. **Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial.** 2018. 120f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa.** 31 ed. São

Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAPIASSÚ, R. **Metodologia de Ensino de Teatro**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 2001.

KOUDELA, I. Os fantasmas. **Revista USP**, v. 35, p. 182-185, 1997.

LIMA, A. V.; SILVA, K. F.; AMARAL, R. A.; ELEUTÉRIO, C. M. S. Júri Simulado: a questão da discriminação da maconha (*Cannabis sativa*) no Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO QUÍMICA. 15., 2017, Manaus. **Anais...** Manaus: 15º SIMPEQUI, 2017. Disponível em: <<http://www.abq.org.br/simpequi/2017/trabalhos/91/10636-21537.html>>. Acesso em: 31 maio 2018.

NEVES, G. N. **O conflito ético entre proibicionismo e redução de danos: análise e contribuições bioéticas**. 2017. 99f. Dissertação (Mestrado em Bioética) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

PELUSO, T. C. L. A educação de adultos: refletindo sobre a natureza de sua especificidade. **Revista Formação**, v. 3, p. 5-16, 2001.

PICONEZ, S. C B. **Educação Escolar de Jovens e Adultos**. Campinas, Papyrus, 2001.

_____. **Educação de Adultos: possibilidades de re-construção de conhecimentos e suas implicações na organização do trabalho pedagógico**. Doutorado, FEUSP, 1995.

_____. **A reconstrução do conhecimento pelos alunos adultos e a organização do trabalho pedagógico**. Pesquisa apresentada ao INEP, no. 29, Brasília, 1993.

RODRIGUES, E. B.; ABAID, J. L. W. Prevenção do uso de drogas no âmbito escolar: uma revisão sistemática. **Disciplinarum Scientia**, v. 14, n. 2, p. 173-203, 2013.

TAMIASSO-MARTINHON, P; COELHO, F. J. F.; ROCHA, A. S.; SOUSA, C. DESEJA: educadores sociais e agentes multiplicadores. **Revista de Pedagogia Social**, v. 4, n. 2, 2017.